

**dois
artistas
das
sombras**

ensaios sobre

**el
greco/
oswaldo
goeldi**

rodrigo naves

Copyright © 2019 by Rodrigo Naves

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa e projeto gráfico

raul loureiro

foto de capa

**andré kertész, *child kicking ball*,
c. 1930. © 2019 espólio de andré kertész/
higher pictures**

preparação

márcia copola

revisão

**dan duplat
huendel viana**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Naves, Rodrigo
Dois artistas das sombras : El Greco/ Oswaldo
Goeldi / Rodrigo Naves. — 1ª ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2019.

Bibliografia
ISBN 978-85-359-3216-4

1. Arte—Ensaio 2. Arte brasileira 3. Arte grega
4. Artistas—Apreciação crítica 5. Desenhos 6. Goeldi,
Oswaldo, 1895-1961 7. Greco, El, 1541?-1614 I. Título.

19-24315

CDD-700.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensaio 700.1

Maria Alice Ferreira—Bibliotecária—CRB-8/7964

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

sumário

apresentação

7

el greco

13

- 39 introdução
- 43 o olho de cristal
- 65 o fim das metamorfoses
- 91 a percepção problemática
- 111 o místico e o intelectual
- 133 cronologia
- 137 indicações de leitura

oswaldo goeldi

141

- 195 cronologia
- 205 indicações de leitura

apresentação

Como e por que unir num mesmo volume dois ensaios escritos com um intervalo de catorze anos entre si?¹ E sobre artistas separados por quase três séculos? De um ponto de vista mais prosaico, talvez haja aí um tanto de vaidade. Ambos os ensaios estão há muito tempo esgotados. Escreve-se para ser lido. Claro. Textos — seja lá de que gênero ou natureza — na maioria dos casos são garrafas de naufrago que jogamos ao mar, na esperança de que na praia alguém as apanhe com ansiosa curiosidade.

De um ponto de vista mais pessoal, não conseguiria explicação mais verdadeira do que a encontrada num verso de um tango tristíssimo e encantador cantado por Carlos Gardel. Trata-se de “Volver”, de 1934: “*Siempre se vuelve al primer amor*”. Se esse amor for humano, tendo a discordar. Ao menos, felizmente, não se deu assim comigo. Há, porém, tantas outras experiências passadas que nos restituiriam a paz ou a alegria perdidas, que é quase impossível não dar a esse trecho da música um caráter universal. Proust que o diga. Voltei a eles (El Greco e Goeldi) porque ainda os amo.

No nosso país, por motivos que mereceriam um ensaio à parte, as artes visuais só adquiriram razoável visibilidade e pertinência cultural a partir do final da década de 1990. Muitos autores dedicados à crítica ou

1. *El Greco: O mundo turvo* (São Paulo: Brasiliense, 1985) e “De fora: Goeldi”, em *Goeldi* (São Paulo: Cosac Naify, 1999).

à história da arte conhecem e conheceram a solidão de quem se propõe a escrever com seriedade sobre o assunto num país que tão recentemente — e talvez queimando etapas de formação fundamentais — conquistou algum profissionalismo nas instituições artísticas públicas ou privadas. Esse isolamento não apenas desanima como tende a empobrecer os diálogos entre as várias posições.

No entanto, corro o risco de formular um paradoxo: defender uma maior organicidade para a arte brasileira e lidar com dois artistas muito afastados no tempo. Séculos separam a pintura de El Greco das maravilhosas xilogravuras de Oswaldo Goeldi, sem nenhum favor um dos mais originais e poderosos artistas modernos do Brasil. Como encontrar aí um intercâmbio, uma relação com algum resquício de continuidade artística, que autorizasse aproximá-los?

Para encurtar caminho, apresentarei sumariamente as semelhanças e diferenças entre os dois artistas, sempre tentando provar que a aproximação entre eles, embora tenha nascido de acasos algo fortuitos, só foi levada adiante depois de muita indecisão, insegurança e, por fim, do ânimo que apenas essa estranha verdade, a certeza estética, nos proporciona para, sem violência ou arbitrariedade, aproximarmos corpos aparentemente estranhos.

Não há, nem em El Greco nem em Oswaldo Goeldi, formas de expressão que revelem uma relação serena ou calma com seus respectivos ambientes. No caso de El Greco, uma arte de momentos altíssimos mas irregular, sua audácia — consciente ou não — levou-o a realizar

uma pintura fortemente contrária ao ideal de transparência que permeava parte significativa da filosofia neoplatônica florentina e a pintura renascentista. Contudo, é fundamental ressaltar o fato de que a arte de quase todos os grandes pintores e escultores desse período não é uma ilustração de uma teoria dada de antemão, como alegam alguns historiadores. Se compararmos a pintura de Leonardo da Vinci à, sobretudo, escultura de Michelangelo — pondo-as depois em comparação com a obra de El Greco —, nos certificaremos — dadas as soluções opostas que Leonardo e Michelangelo dão à representação da luz — de que esses dois artistas cultos, curiosos e ligados à vida por princípios muito diversos, devem ser incluídos como verdadeiros pensadores originais de tais questões, usando não o discurso e sim o meio de expressão que melhor dominavam.

Como diz Giulio Carlo Argan:

Mais adiante falaremos do *non finito* de Michelangelo; para o Baco e a Pietà deveremos ao contrário falar de *troppo finito*. As imagens são concebidas em uma dimensão que está para além da realidade natural, para além do espaço: a luz deve escorrer sobre a forma polida sem penetrá-la, o ar não deve envolvê-la e ofuscá-la. O *troppo finito* michelangesco é, portanto, o oposto metafísico do físico sfumato de Leonardo. Michelangelo quer ir para além do real, Leonardo quer penetrar-lhe a fundo.²

2. Giulio Carlo Argan, *História da arte italiana* (São Paulo: Cosac Naify, 2003), v. 3, p. 14.

Surpreendentemente, a delicadeza e harmonia da luz divina neoplatônica produzirá em El Greco um sentimento de revolta. Como manter a doce melodia depois da Reforma Protestante de 1517 e das barbáries perpetradas pela Santa Inquisição, em nome da manutenção da verdadeira doutrina católica, depois do Saque de Roma, em 1527, depois da tortura e morte de Savonarola em 1528?

A inquietude e o deslocamento de Goeldi — ainda que possam encerrar um fundo religioso — são acima de tudo um estranhamento de um suíço que, até por não ter uma relação inteiramente íntima com o Brasil, percebeu como muito poucos a precariedade da nossa vida urbana. O predomínio do negro sobre as linhas brancas que o ordena tem a fragilidade da vida nas nossas cidades. Tem a estrutura precária de um país que, à exceção dos barões da prepotência, não conseguiu organizar uma força política e associativa que fizesse frente aos descabros do mandonismo arrogante.

Talvez fosse possível, de um ponto de vista equivocadamente esquerdistas, acusar o sentido de sua obra de um pessimismo pequeno-burguês. De fato, Oswaldo Goeldi não propõe saída para nada. Mantém tudo de fora, na exterioridade: a luz, armários, lampiões, guarda-chuvas, pessoas. Nada se encontra no lugar em sua obra. E essa ausência de um lugar natural, além do estranhamento experimentado nas cidades, impedirá que um falso otimismo rebaixe suas humanas exigências.

Ambos, El Greco e Oswaldo Goeldi, experimentam um mundo instável e ameaçador. Se há maior religiosidade em Domenikos Theotokopoulos (o nome de El Greco), é fundamental acentuar que a redenção, no seu mundo, precisa fazer uma experiência para além do espiritual. A realidade sensível deve entranhar-se na luz divina. Ou então Deus não é onipotente. E isso o dilacera.

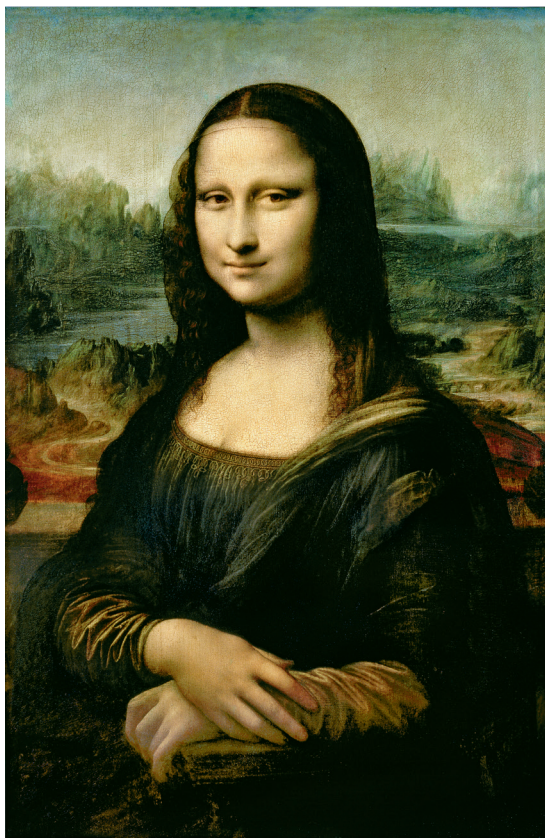
Goeldi, mais laico mas não menos exigente, quer que uma eventual salvação seja marcada por uma experiência mais rica da existência. Em El Greco o sol nunca brilha, diz o grande estudioso da pintura espanhola Jonathan Brown. Em algumas maravilhosas xilogravuras de Goeldi ele se insinua pelas frestas. Nas suas gravuras, o artista não quer partilhar a leveza da luz, que desde tempos imemoriais esteve associada à redenção, ao espírito, às virtudes e aos milagres.

Na maravilhosa arte de Goeldi, o negro quer romper com uma identidade que sempre esteve ligada a seu aparente par simétrico, a luz. Quer engrandecer e tornar singular o negror. E então lançou ao mar seu navio pirata, que, como tantos cometas, volta e meia nos adverte que a suposição de que somos seres racionais e destinados a fazer o bem lembra mais os tapa-olhos de marujos veteranos do que a luneta dos almirantes.

Afinal, há salvação em algum lugar?

el greco

01. El Greco. *Cristo na cruz com paisagem*, c. 1600-10, óleo sobre tela, 193 × 116 cm. Ohio, Museu de Arte de Cleveland. Cortesia de Hannah Fund.
02. Leonardo da Vinci. Retrato de Lisa Gherardini, esposa de Francesco del Giocondo, dita *Mona Lisa* ou *Gioconda*, c. 1503-19, óleo sobre madeira de álamo, 77 × 53 cm. Paris, Museu do Louvre. Bridgeman/ Fotoarena.
03. El Greco. *Retrato de Giacomo Bosio*, c. 1610-14, óleo sobre tela, 107 × 90 cm. Texas, Museu de Arte Kimbell. Bridgeman/ Fotoarena.
04. El Greco. *Giulio Clovio*, 1571-72, óleo sobre tela, 58 x 86 cm. Nápoles, Museo Nazionale di Capodimonte. Bridgeman/ Fotoarena.
05. Tiziano. *Tarquínio e Lucrecia*, 1570-76, óleo sobre tela, 114 × 100 cm. Viena, Academia de Belas-Artes. Bridgeman/ Fotoarena.
06. Tiziano. *Autorretrato*, 1562-64, óleo sobre tela, 96 × 75 cm. Berlim, Museu Estadual. Reprodução: Joerg P. Anders © 2018. Photo Scala, Florence/BPK, Bildagentur fuer Kunst, Kultur und Geschichte, Berlim.
07. El Greco. *A morte da Virgem*, antes de 1567, têmpera e ouro sobre painel, 61,4 × 45 cm. Siro, igreja da Dormição da Virgem. Alamy/ Fotoarena.
08. El Greco. *Purificação do templo*, c. 1570, óleo sobre tela, 87,6 × 106,7 cm. Washington, DC, National Gallery. © 2018 Album/ Scala, Florença.
09. El Greco. *São Pedro e São Paulo*, 1605-08, óleo sobre tela, 124 × 93,5 cm. Estocolmo, Museu Nacional. Bridgeman/ Fotoarena.
10. El Greco. *Visitação*, 1610-13, óleo sobre tela, 96,52 × 71,44 cm. Washington, DC, Dumbarton Oaks. De Agostini Picture Library/ Bridgeman/ Fotoarena.
11. El Greco. *O despojamento de Cristo* (depois de restaurado), 1577-79, óleo sobre tela, 300 × 178 cm. Toledo, Catedral Primada. Bridgeman/ Fotoarena.
12. El Greco. *Enterro do conde de Orgaz*, 1586-88, óleo sobre tela, 480 × 360 cm. Toledo, igreja de São Tomé. Bridgeman/ Fotoarena.
13. El Greco. *Adoração do nome de Jesus*, fim da década de 1570, óleo e têmpera sobre pinho, 55,1 × 33,8 cm. Londres, National Gallery. Bridgeman/ Fotoarena.
14. El Greco. *Vista de Toledo*, c. 1598-99, óleo sobre tela, 121,3 × 108,6 cm. Nova York, Metropolitan Museum of Art. Bridgeman/ Fotoarena.
15. Parmigianino. *Autorretrato diante de um espelho convexo*, 1523-24, óleo sobre madeira, diâmetro 24,4 cm. Viena, Museu de História da Arte. Bridgeman/ Fotoarena.
16. El Greco. *Frei Hortensio Félix Paravicino*, 1609, óleo sobre tela, 112,1 × 86,1 cm. Boston, Museu de Belas-Artes. Album/ Fotoarena.
17. El Greco. *Laocoonte*, c. 1610-14, óleo sobre tela, 137,5 × 172,5 cm. Washington, DC, National Gallery of Art. Bridgeman/ Fotoarena.
18. El Greco. *O Quinto Selo do Apocalipse*, c. 1609-14, óleo sobre tela, 222,3 × 193 cm. Nova York, Metropolitan Museum of Art. Bridgeman/ Fotoarena.



02.



03.



04.



05.



06.